

O casamento é subversivo

Jennifer Roback Morse, doutora em Economia e colaboradora em diversos meios de comunicação, fundou o Ruth Institute para ajudar os jovens a criar um clima social e intelectual favorável ao casamento. Confia em que sejam eles a liderarem a mudança para uma sociedade favorável à família, do mesmo modo que os jovens dos finais dos anos 60 do século XX encetaram a sua revolta contra-cultural.

Quando surgiu a primavera *hippie* e o ideal de moda era libertar a sociedade das “cavernas da ordem”, intelectuais como Sartre, Marcuse ou Foucault podiam permitir-se o luxo de pregar ideias anti familiares à chamada Geração do *Baby Boom* (nascidos depois de 1946). Mas hoje, torna-se mais difícil decretar um estado de felicidade permanente ao abrigo desses mesmos pressupostos.

Alguns *baby boomers* desencantados reconhecem agora que por detrás dessa experiência social havia muitos riscos. Que todas essas mudanças nos comportamentos tinham consequências: também para os membros de outras gerações. E que havia algo de elitismo irresponsável em quem propõe um programa de engenharia social a uma geração sem reparar nas suas vítimas colaterais.

Jennifer Roback Morse oferece um desses testemunhos numa carta aberta aos jovens da chamada Geração do Milénio, a primeira que alcançou a maioria no novo milénio. Publicada em “MercatorNet”, a carta efetua um dramático inventário de custos sociais, levando a autora a mostrar que as alterações legislativas adotadas num determinado momento histórico acabam por se repercutir em quem vem depois.

“A minha geração, a do *Baby Boom*, transformou o casamento naquilo que veem agora. Mas a culpa não é inteiramente nossa. Nós não inventámos a pílula anticoncetiva. Nem o divórcio sem causa. Nem a sentença “Roe vs. Wade”. Fomos apenas a primeira geração que padeceu de todas estas coisas”.

(...) “Muitos de nós deixámo-nos levar pela corrente; construímos as nossas vidas sobre a anticoncepção, o divórcio e o aborto. Pensámos que seria incrivelmente divertido separar o sexo e a procriação do casamento; ou a estabilidade e a fidelidade do casamento”.

“E aí estão os resultados: mais infelicidade e pobreza entre as crianças; mais solidão e desespero entre os adultos; mais intervencionismo por parte dos tribunais na vida privada das famílias; e o fosso entre ricos e pobres cada dia maior, agora por culpa de um novo fator: a desigualdade matrimonial”.

Formar “líderes emergentes”

Desde que arrancou com o Ruth Institute, com sede na Califórnia, Roback Morse teve a oportunidade de conversar com centenas de jovens. Além disso, a sua experiência docente levou-a a conhecê-los bem: ensinou Economia durante 15 anos, primeiro na Universidade de Yale e depois na George Mason University.

Sabe que em muitos jovens de hoje existe tanto a aspiração a casar-se, como o medo do compromisso e do divórcio. Contudo, não tem dúvidas em lhes propor um desafio audacioso: “Se a cultura do casamento deve ser restaurada, são vocês, a geração dos jovens do milénio, quem deve fazê-lo”.

O programa Emerging Leaders, do Ruth Institute, nasceu precisamente para ajudar os jovens a criar um clima social e cultural favorável ao casamento. Os impulsores da iniciativa não se contentam com o facto de os participantes receberem formação. Pretendem, além disso, que os próprios jovens difundam aquilo que aprenderam.

Para isso, são formados na arte do ativismo cultural. Ali aprendem a soltar-se nas redes sociais, a redigir notas de imprensa, a manter um *blog*, a organizar um livro-fórum, um debate ou uma tertúlia... O instituto oferece ajudas económicas a todos os que querem criar um grupo de voluntários de promoção do casamento. Também lhes é oferecido um manual de atividades com numerosas ideias e recursos.

Comprometer-se com o casamento

O compromisso público de apoiar a instituição do casamento na vida social, diz Roback Morse, tem de ser precedido pelo convencimento de que cada um tem de cuidar do seu compromisso matrimonial.

Por isso, aos jovens que ainda não se casaram, encoraja-os a repetir desde o namoro as seguintes palavras: “Quero e desejo casar-me. E quando me casar, pretendo permanecer casado o

resto da minha vida. Comprometo-me a fazer tudo o que possa pelo bem comum do meu casamento e da minha família”.

Para Roback Morse, estas palavras expressam a essência do novo movimento a favor do casamento que irá surgir nos EUA e noutros países. Novo porque se alimenta do compromisso pessoal e rejuvenescido – o dos jovens do milénio – com o amor conjugal.

J. M.

O casamento, tão querido, tão adiado

Como veem os jovens adultos da classe trabalhadora o casamento? Se o apreciam, porque o adiam? Qual o motivo porque estão a crescer nos EUA a união de facto, o divórcio e os nascimentos extramatrimoniais, sobretudo entre os que não completaram o ensino secundário? O projecto “Love and Marriage in Middle America”, patrocinado pelo Institute for American Values, investiga a visão do amor e do casamento que predomina entre os norte-americanos sem estudos universitários.

Uma das tendências sociais mais importantes que está a remodelar atualmente a instituição do casamento nos EUA é o aparecimento de uma “desigualdade matrimonial”. Para a descobrir, contribuiu o sociólogo norte-americano W. Bradford Wilcox, diretor do “National Marriage Project” e professor da Universidade da Virgínia.

O estudo que lançou as teses de Wilcox nos meios de comunicação, analisa as mudanças familiares que estão a experimentar os norte-americanos que só completaram o ensino secundário (*working class*, em inglês). Representam 58% da população adulta com estudos, contra os 30% que possuem estudos universitários (W. Bradford Wilcox e Elizabeth Marquardt. “The State of Our Unions 2010. When Marriage Disappears. The Retreat from Marriage in Middle America”. University of Virginia Institute for American Values. dezembro 2010).

Entre esses norte-americanos sem estudos universitários, as mudanças familiares são notórias. Nos últimos trinta anos, a percentagem de filhos nascidos fora do casamento, passou de 13% para 44%; a taxa de divórcio manteve-se elevada (37%); e a percentagem de mulheres com idades entre 25 e 44 anos que tinham vivido em uniões de facto, passou de 39% para 68%.

Nesse mesmo período de tempo, observa-se um panorama muito diferente entre os universitários. A percentagem de filhos extramatrimoniais também sobe, mas continua em níveis comparativamente muito baixos (de 2% para 6%). O mesmo se diga da união de facto, embora aí a percentagem seja

elevada (de 35% para 50%). Mas, sem dúvida, o mais chamativo é a descida da taxa de divórcio de 15% para 11%.

O casamento que não chega

O estudo de W. Bradford Wilcox faz parte de um projeto mais amplo chamado “Love and Marriage in Middle America”. Outra parte do trabalho reúne entrevistas profundas a uma centena de jovens adultos (que têm vinte e tal anos ou pouco mais) de uma localidade do Ohio, realizadas pelos investigadores David e Amber Lapp.

Julia e Rob convivem juntos sem se casarem desde há 12 anos. Ela cuida dos dois filhos pequenos do casal e, além disso, frequenta um curso *online* sobre negócios. Ele repara telhados no verão, e transporta quadros no inverno. Os dois gostariam de se casar, mas a indecisão tem prevalecido.

O curioso é que ambos têm em alta estima o casamento. Quando os Lapp lhes telefonavam durante o mês ao longo do qual se realizaram as entrevistas, o aparelho respondia sempre com a mesma canção: “Love Like Crazy”. A letra conta a história de um casal que se casa com 17 anos – enquanto todas as pessoas do seu meio lhes chamam loucos – e, que ao fim de uma série de anos, acabam por celebrar os seus 58 anos de casados.

Para os Lapp, este facto mostra de modo gráfico, as atitudes paradoxais para com o casamento por parte dos jovens como Julia e Rob. Por um lado, expressa o ideal de sempre da classe trabalhadora norte-americana: a aspiração a uma vida familiar estável. Por outro, a crescente indecisão que leva a adiar e até a recusar na prática o casamento.

“A maioria dos casais com os quais falámos – dizem os Lapp – aspiram ao casamento, ou, pelo menos, ao que eles têm em mente que é o casamento, principalmente: amor, fidelidade, estabilidade e felicidade. Isto é coerente com as estatísticas norte-americanas a revelar que 76% dos que têm estudos secundários declaram ser o casamento ‘muito importante’ ou ‘uma das coisas mais importantes’ nas suas vidas”.

O problema – acrescentam – é que embora os jovens da classe trabalhadora sonhem com o amor, o compromisso, a estabilidade e a família, têm uma conceção do amor e do casamento que frustra essas aspirações. E embora seja verdade que entram em jogo outros fatores como os económicos e sociais, essa inadequada filosofia do amor e do casamento é aquilo que contribui para forjar, segundo os Lapp, uma “nova normalidade” entre os jovens adultos que só completaram o ensino secundário.

Compromisso sim, mas...

Em que consiste esta “nova normalidade”? O que é que falha na visão do casamento da classe trabalhadora? Para o explicar, os Lapp recorrem aos testemunhos que lhes oferecem as entrevistas efetuadas na localidade do Ohio.

Ricky, de 27 anos, é um pai não casado. Nunca acreditou suficientemente no casamento, mas agora tem data de casamento em vista. “O casamento”, diz, “é estar ao lado de outra pessoa quando precisa de nós em momentos difíceis; é alegrar-lhe a vida quando está triste. Melhorando juntos, um ao lado do outro”. Por outras palavras: para Ricky, explicam os Lapp, o casamento é prestar-se ajuda mútua e companhia.

Ricky, que entrou em várias uniões de facto, rejeita liminarmente o divórcio. “Quando me casar, o divórcio nem constitui uma hipótese”. Talvez para esta decisão contribua a experiência do divórcio das suas tias, dos seus tios e dos seus primos.

Daí que Ricky também acredite no compromisso. E, tal como todos os que foram entrevistados pelos Lapp, Ricky considera que a fidelidade no casamento é inegociável.

Aqui temos os três traços que integram a visão do casamento de quase todos os entrevistados: ajuda mútua, compromisso e fidelidade. Mas, à medida que aprofundam as suas conversas, os Lapp descobrem que estes traços estão condicionados a uma palavra mágica: felicidade.

Brandon, também de 27 anos, aprecia o compromisso matrimonial... mas com possibilidade de devolução. “Se se está casado, mas se acredita que o casamento não funciona e não se vai lutar por ele, não vejo nenhum problema em pedir o divórcio. Que sentido tem fazer-nos amargar a vida?”.

À espera do jogo 10

Os investigadores pensam que a ideia – bastante alargada entre os jovens da classe trabalhadora – de que o compromisso matrimonial se pode romper quando já não se experimenta satisfação, se junta a uma visão do amor centrada no mito do casal perfeito. Um comentário habitual é o seguinte: “Se falta felicidade, provavelmente isso deve-se a se ter casado com a pessoa errada, ou porque faltou amor no início da relação”.

John, de 21 anos, convive com a sua parceira. Diz que uma pessoa não sabe que encontrou a pessoa adequada “até ter certeza a 100% de que a outra pessoa será a que nos fará felizes”. Também Maggie, de 20 anos, anda à procura do Príncipe Encantado com o qual aspira ser feliz toda a sua vida. Talvez nunca tenham admitido a hipótese de o casal ideal não ser um ponto de partida, mas de chegada.

Nessa busca, as “emoções fortes” ocupam um papel central e são identificadas como a essência do amor. Embora muitos dos jovens que os Lapp entrevistaram, “reconhecem os aspetos objetivos do amor – o cuidado atento da outra pessoa, a fidelidade ou a amizade –, tendem a ver os aspetos subjetivos como o indicador autêntico de que existe amor conjugal”.

Os investigadores do Institute for American Values surpreenderam-se por, no decorrer das suas conversas sobre o casamento com estes jovens, mal haver referência aos

filhos. Quando referem o tema, recebem muitas vezes respostas como as de Ricky: “Claro que um filho necessita de um pai e de uma mãe. Mas isso não tem nada a ver com o casamento”.

Com este último traço, fica dado um perfil da “nova normalidade” de que falam David e Amber Lapp, ao definir a visão do casamento presente nos jovens da classe trabalhadora norte-americana.

O casamento é concebido como uma fonte de felicidade individual, que não está vinculada necessariamente aos filhos. Paradoxalmente, a busca de um casal ideal com o qual se deverá realizar este projeto de felicidade, acaba por dar lugar a um período indefinido de união de facto; um período de prova onde, normalmente, acabam por chegar os filhos, as ruturas, as novas relações, mas não o casamento.

J. M.

